

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

O PAPEL DOS CONTOS DE FADAS NA SUBJETIVIDADE INFANTIL¹ THE PAPER OF THE FAIRY TALES IN THE INFANTILE SUBJECTIVITY

Micheli Rohr², Tania Maria De Souza³

¹ Artigo sobre a experiência de estágio básico curricular da graduação em psicologia do departamento de Humanidades e Educação da Unijuí

² Aluno do curso de graduação em psicologia da Unijuí

³ Professora mestre do departamento de humanidades e educação, supervisora do estágio básico curricular I, do curso de graduação em psicologia da Unijuí

Introdução

As narrativas nem sempre tiveram a função que têm hoje. Na verdade, nem sempre foram destinadas especificamente às crianças, não possuindo um final feliz ou um caráter pedagógico e fabuloso. Por algum tempo, serviram para relatar os perigos do mundo e os medos existentes tanto nas crianças como nos adultos.

As modernas versões dos contos, que conhecemos e encontramos na atualidade, mostram-se a partir do século XIX, quando a infância passa a ocupar um novo lugar, destacando-se aqui o reconhecimento de uma subjetividade diferenciada da dos adultos, influenciando em uma "Psicologia Infantil".

Em um período de grande influência tecnológica, as modernas versões dos contos continuam a encantar às crianças, tudo isso devido ao grande poder de simbolizar e "resolver" os conflitos psíquicos inconscientes das mesmas, pois é através da fantasia que a criança lida com aquilo que não pode se tornar real, ou seja, com aquilo que não pode ser nomeado.

Metodologia

Este trabalho consiste em relatar a experiência de Estágio Básico I, do curso de Psicologia, desenvolvida através do projeto "Narrativas da infância: Os caminhos de elaboração dos enigmas do mundo e do desejo através de oficinas de contos de fadas", o qual tem como principal objetivo compreender a importância da fantasia na construção e desenvolvimento da subjetividade, propondo a realização de oficinas de contos com crianças e adolescentes.

Durante as atividades de estágio, o livro Fadas no Divã (CORSO, 2006), foi fundamental para que obtivéssemos um maior embasamento teórico, retratando cada conto com grande especificidade, trabalhando questões fundamentais da estruturação do sujeito que podem emergir a partir de tais histórias, o que auxiliou muito na percepção durante as atividades.

Após as narrativas orais, permitindo sempre a livre imaginação das crianças, atividades como desenhos, dramatizações, histórias com fantoches no palito e massinha de modelar eram propostas, sendo desenvolvidas com muito interesse pelas mesmas.

Resultados e Discussão

As atividades na instituição iniciaram-se na manhã do dia 21 de março de 2018, tendo continuidade semanalmente, até o dia 20 de junho de 2018. Trabalhou-se, em uma escola, com

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

dois grupos de crianças, um deles com aproximadamente 5 alunos, com idades entre 3 e 5 anos, e o outro com aproximadamente 7 alunos, com idades entre 6 e 8 anos.

Durante esse período, resumido em 14 encontros, pode-se trabalhar com 13 contos, sendo eles: Patinho Feio, Cachinhos Dourados, Dumbo, João e Maria, O Lobo e os 7 Cabritinhos, O flautista de Hamelin, Os 3 desejos, Chapeuzinho Vermelho, Dona Trude, João sem medo, Os 3 porquinhos, Rapunzel e Branca de Neve.

Inicialmente, nas primeiras histórias, eram trazidas as questões do abandono, inadequação e rejeição da família, vínculo mãe-bebê, expulsão do lar e fantasia de ser devorado, nas quais apresentou-se a situação em que um aluno, de 6 anos de idade, não utilizava nenhum elemento dos contos em seus desenhos e demais representações. Um dinossauro era o que, insistentemente, aparecia nas suas produções. O dinossauro, nesse caso, pode demonstrar a necessidade de algo mais distante ainda de sua realidade para se trabalhar com aquilo que não pode ser dito, por mais que os afetos e relações sejam semelhantes.

Essa primeira experiência foi fundamental para entender que, independente de possuir ou não algum elemento da história, tudo que a criança traz através do conto tem sim uma significação para ela, o que contribuiu muito para as observações posteriores.

A história dos 7 cabritinhos, trabalhada no 6º dia de atividade, por ser a primeira a possuir um dos personagens mais esperados pelos alunos, o Lobo, assim como a da Chapeuzinho vermelho, trabalhada no 9º dia, foi muito bem acolhida pelas crianças. Na dramatização, o ato de cortar a barriga do Lobo e enche-la de pedras foi muito disputado, sendo dividido por grande parte dos alunos, talvez pelo fato de, após cheia de pedras, não haver lugar para mais nada ali. Através dessas dramatizações, nas escolhas dos personagens, assim como na forma que a história se remonta, tornou-se possível a observação de alguns conflitos vivenciados pelas crianças, assim como, o lugar por elas ocupado.

Um conto que já vinha sendo solicitado é o dos 3 porquinhos. Cita-se também ele, pois, após ser trabalhado, concluiu-se que foi o que mais mobilizou as crianças, o que indica a possibilidade de apresentar elementos presentes nos conflitos vivenciados por elas. O tema central dessa história é o risco de ser devorado. Segundo Diana e Mário Corso, poderíamos pensar os 3 porquinhos como sendo a evolução de um mesmo personagem: inicialmente, vemos um porquinho desprotegido, à mercê de ser devorado pelo Lobo, o que podemos relacionar com o período em que a criança está alienada ao discurso da mãe, correndo o risco de ser “devorada” por ela. Ao longo da história, através dos outros personagens, há uma evolução: os porquinhos vão criando empecilhos, vão criando formas para evitar virarem comida do lobo, assim como a criança, em determinado momento, começa a dar sinais dessa busca pela separação da mãe, como estratégia de defesa. Através das reações de interesse dos alunos, podemos pensar esse conto como rico em elementos que auxiliam nas representações, assim como, na nomeação das angústias vividas pelas crianças, tornando-se um ponto de referência para elas.

Os desenhos, após as narrativas, também foram elementos muito importantes para tais observações, assim como, sendo um grande indicativo do desenvolvimento das crianças. Durante o período trabalhado, alguns aspectos presentes nos desenhos chamaram atenção, como, por exemplo: a identidade da criança demonstrada no desenho, personagens sem rosto, elementos repetidos, elementos ausentes que se faziam presentes, o fato de não conseguir desenhar tal

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

personagem, entre outros.

Percebeu-se, durante o andamento do estágio, um maior interesse das crianças por contos já conhecidos por elas, assim como, um grande entusiasmo para com as atividades propostas, o que contribuiu muito para o mesmo. Por ocupar um lugar diferente do pedagógico, as crianças, durante as atividades, sentiam-se livres para falar sobre acontecimentos, produzir e fazer o que quisessem, dentro dos limites propostos pelo projeto, algo que não acontece durante a aula. Acolher a criança, ouvi-la e fazer com que se sinta levada a sério, trazendo algo de importante, é fundamental para que o trabalho psicológico tenha êxito.

Conclusão

As crianças que possuem a oportunidade de crescer e se desenvolver ouvindo e fazendo parte do mundo dos contos de fadas, além de sentir prazer, conseguem utilizar do imaginário para manifestar os sentimentos da vida real, auxiliando nas angústias, nos conflitos inconscientes, assim como no desenvolvimento da subjetividade, preparando-se, assim, para os conflitos que surgirão na vida adulta.

O uso das narrativas torna-se, portanto, segundo Bruno Bettelheim, necessário para que a criança consiga colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida.

Palavras-Chave: Narrativas; Fantasia; Subjetivação

Keywords: Narrative; Fantasy; Subjectivation

Agradecimentos

À Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, à supervisora do projeto de estágio básico, Tania Maria de Souza, e à instituição que abriu portas para o desenvolvimento do Projeto.

Referências Bibliográficas

BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CORSO, D.; CORSO, M. Fadas no divã. Porto Alegre: Artmed, 2006.